

EDITORIAL

PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS: PENSANDO A TRADUÇÃO**Ana Helena Rossi¹***Universidade de Brasília (UnB), Brasil*

anahrossi@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i1.8666>***Paracelso: alguns elementos biobibliográficos***

Quero, aqui, neste editorial da revista *caleidoscópico* (v. 2, n.1), colocar-me sob a inspiração de Paracelso, médico nascido na Suíça na cidade de Einsiedeln em cerca de 1493 e falecido em 1541 na cidade de Salzbou², a fim de estabelecer uma relação com a tradução tal como concebida por Walter Benjamin, e com as pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa *Walter Benjamin: linguagem, tradução e experiência*, que se encontra em diálogo com o projeto desta revista. Em primeiro lugar, vejamos alguns elementos biográficos. Philippus Theophrastus Bombast von Hohenheim, dito Philippus Aureolus Theophrastus Paracelsus, foi um conhecido médico e alquimista³. Seu pai, professor de alquimia iniciou-o nesta arte⁴ que lhe permitiu compreender que no mundo “tudo evolui para uma transmutação definitiva de qualquer imperfeição em uma radiosa unidade.”⁵ Ele trabalha nas minas, e em 1506, atua como químico na escola das minas de Villach⁶. “O lugar está ocupado pelas minas e forjas de ferro, de chumbo e de cobre que pertencem à Sigismond Fugger de Schwatz, banqueiro dos reis e dos papas.”⁷ Em

¹ Profa. Dra. Ana Helena Rossi, Editora da revista *caleidoscópico: linguagem e tradução*. Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras, e nos Programas de pós-graduação POSTRAD e POSLIT da Universidade de Brasília. [anahrossi@gmail.com]. Para citação: ROSSI, A. H. (2018). Processos e experiências: pensando a tradução. *Caleidoscópico: Linguagem E Tradução*, 2(1), 01-14. <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i1.8666>

² Disponível em: <http://www.sylvie-tribut-astrologue.com/tag/paracelse-est-le-pere-de-la-medecine-spagyrique>. Acesso em: 22 mai. 2018.

³ Disponível em: <http://agora.qc.ca/dossiers/Paracelse>. Acesso em: 22 mai. 2018.

⁴ Disponível em: <http://www.sylvie-tribut-astrologue.com/tag/paracelse-est-le-pere-de-la-medecine-spagyrique>. Acesso em: 22 mai. 2018.

⁵ Traduzido por mim do original: « tout evolue vers une transmutation définitive de toute imperfection em une radieuse unité ». Disponível em: <http://www.sylvie-tribut-astrologue.com/tag/paracelse-est-le-pere-de-la-medecine-spagyrique>. Acesso em: 22 mai. 2018.

⁶ Traduzido por mim do original: « Le lieu est occupé par des mines et forges de fer, de plomb et de cuivre qui appartiennent à Sigismond Fugger de Schwatz, banquier des rois et des papes. » Disponível em: <http://www.histophil.com/paracelse.php>. Acesso em: 23 mai. 2018.

⁷ Disponível em: <http://www.histophil.com/paracelse.php>. Acesso em: 23 mai. 2018



1516, ele obtém o seu diploma de doutor em medicina pela Universidade de Ferrare (Itália)⁸. Inicia-se o primeiro ciclo de viagens: Paris, Montpellier, Lisboa e Oxford. “Ele entra no exército holandês como barbeiro-cirurgião (1519), e depois no exército dinamarquês na Escandinávia (cerco de Estocolmo em 1520) sob Christian II da Dinamarca. Ele participa, como cirurgião militar junto às tropas de Veneza, nas guerras de Veneza (1521-1525).”⁹ Em 1527, ele torna-se médico municipal e professor de medicina da Universidade de Basileia, graças à intervenção do filósofo Erasmus em razão de Paracelso haver curado o fígado de um amigo dele. Sua presença na Universidade dura menos de um ano, por ter desrespeitado os códigos da Universidade: ele ensina em alemão em vez de ensinar em latim, briga com a municipalidade e com os farmacêuticos, e queima em público os livros clássicos de Galien e de Avicenne¹⁰ (980-1037), considerados cânones nos cursos de medicina da Universidade. Ele escreve sobre sífilis, sobre teologia e o Santo Graal, sobre astronomia, sobre doenças dos mineiros, sobre águas termais como elementos benfeitores para a saúde, dentre outros assuntos. Em 1578, a Sorbonne condena 59 teses de Paracelso.¹¹

Personagem renascentista, ainda sob a influência da longa Idade Média, o mundo, para ele, constitui-se em uma inter-relação íntima e profunda entre os fatos observáveis presentes no mundo material e aqueles fatos presentes do mundo imaterial (invisível aos cinco sentidos tais como definidos pela filosofia de Aristóteles). Assim, as suas experiências nas minas fazem-no entrar em contato com os metais escondidos nas profundas galerias escuras e úmidas presentes no seio da terra. Estas observações levam-no a interrogar as formas geológicas,

⁸ Disponível em: <http://www.histophilo.com/paracelse.php>. Acesso em: 23 mai. 2018.

⁹ Traduzido por mim do original: « Il se fait enrôler comme chirurgien-barbier dans l’armée hollandaise aux Pays-Bas (1519) puis dans l’armée danoise en Scandinavie (siège de Stockholm en 1520), sous Christian II de Danemark. Il participe comme chirurgien militaire dans les troupes vénitiennes, aux guerres de Venise (1521-1525). » Disponível em: <http://www.histophilo.com/paracelse.php>. Acesso em: 23 mai. 2018.

¹⁰ Traduzido por mim do original: “Ibn Sina, connu sous le nom d’Avicenne en Occident était perse, il est l’un des plus grands savants à l’époque médiévale, il faut à la fois philosophe, médecin, mathématicien et astronome. Il est peut-être le meilleur représentant de l’universalité des connaissances, l’élévation de sa pensée ainsi que la qualité de ses écrits furent parmi les plus remarquables du génie humain. Son ouvrage al-Qanun fi al-Tibb, connu comme le « Canon » a été le manuel de référence des écoles Européennes jusqu’au 17^e siècle. Disponível em: <http://medarus.org/Medecins/MedecinsTextes/avicenne.html>. Acesso em: 23 mai. 2018.

¹¹ Disponível em: <http://www.histophilo.com/paracelse.php>. Acesso em: 23 mai. 2018.



formas essas que – observa ele – se transmutam dentro de uma dimensão temporal muito maior da dimensão humana. Dessa experiência, ele retira que no seio da terra também existe o que é vivo, nas rochas, nos metais, na constituição dos cristais, constituindo uma relação entre o visível e o invisível, o que é perceptível aos sentidos humanos e aquilo que não o é. Ele integra, assim, as tradições esotéricas medievais nos pensamentos renascentistas e nos da Reforma protestante encabeçada por Martinho Lutero e Calvino, dos quais ele é contemporâneo. O seu nome “Paracelso” faz referência a um ilustre médico romano denominado Celso.¹² A história da ciência e da epistemologia da ciência, recupera o legado de Paracelso:

a saúde não repousa nem sobre o equilíbrio dos quatro humores, nem sobre o dos três princípios dos alquimistas (sal, enxofre, mercúrio), mas sobre o equilíbrio das forças no interior do plano de organização de cada indivíduo: a arquê. A doença não está ligada ao desequilíbrio dos humores, mas a uma entidade parasitária que vive às custas do doente. O médico deve ser também astrólogo e alquimista. Às doenças específicas corresponderão remédios identificados pelos sinais da natureza, de onde provém o nome de “teoria das assinaturas” (sinais-natureza). Não se cura mais pelo que é contrário, mas pelo que é semelhante. (...) Paracelso, de fato, pensa que os elementos da Criação divina se encontram em correspondência simbólica (grande importância do número 7). Os remédios são elaborados pelos procedimentos dos alquimistas (destilação, sublimação). Paracelso leva a contestar Aristóteles, Galien e Avicena. Apesar de suas derivas, ele está na origem de noções importantes. Ele faz recuar a teoria dos quatro humores em proveito de **princípios isoláveis em laboratório: ele chama à experiência**; ele concebe **toda fisiologia como um processo** químico cuja digestão é dada como exemplo; ele faz a promoção dos remédios químicos; ele sustenta que a doença vem do corpo e da alma, e ele dá um valor espiritual e terapêutico às palavras; ele coloca o homem na confluência entre macrocosmo e microcosmo. Paracelso e seus alunos terão uma influência sobre diferentes camadas da sociedade (...).¹³ (Grifos nossos)

¹² Chemla D., Abastado P., « Vésale, Paré et Paracelse : trois figures médicales majeures de la Renaissance », in *La lettre du cardiologue – Risque Cardiovasculaire*, n. 428, outubro de 2009, p. 34.

¹³ Traduzido por mim do original: « La santé ne repose ni sur l'équilibre des quatre humeurs ni sur celui des trois principes des alchimistes (sel, soufre, mercure), mais sur l'équilibre des forces au sein du plan d'organisation de l'individu : l'arché. La maladie n'est pas liée au déséquilibre des humeurs, mais à une entité parasitaire qui vit aux dépens du malade. Le médecin doit être également astrologue et alchimiste. Aux maladies spécifiques correspondront des remèdes identifiés par les signes de la nature, d'où le nom de « théorie des signatures » (signes-nature). On ne soigne plus par les contraires, mais par les semblables. (...) Paracelse pense en effet que les éléments de la Création divine sont en correspondance symbolique (grande importance au chiffre 7). Les remèdes sont élaborés par les procédés des alchimistes (distillation, sublimation). Paracelse incite à contester Aristote, Galien et Avicenne. Malgré ses dérives, il est à l'origine de notions importantes. Il fait reculer la théorie des quatre humeurs au profit de principes isolables en laboratoire ; il appelle à l'expérience ; il conçoit toute la physiologie comme un processus chimique,



O legado de Paracelso ainda se encontra, mais do que nunca, sob o interesse do historiador das ciências e dos filósofos¹⁴ no que tange à sua importância para a ciência. Há estudos que afirmam que Paracelso não fez mais do que trazer para a Europa renascentista recém-saída da Idade Média, sob a forma de alquimia e hermetismo, os conhecimentos já consolidados há séculos pelos Chineses, pelos Persas e pelos Árabes.

Os Chineses dispõem, desde a alta antiguidade, de uma farmacopeia, o *Pen-tsao*, onde o enxofre, o mercúrio e os sais são tidos como remédios para várias coisas. O mais antigo farmacólogo grego, Dióscoride, um sírio nascido em Ayn-Zerba na fronteira ocidental da Persa, já se encontra, direta ou indiretamente, sob a influência da química-medicina chinesa.¹⁵

Em todas as civilizações, encontram-se aspectos da alquimia e da corrente hermetista que abriram caminhos para pensar a ciência. Em seu laboratório, o alquimista “está obcecado pelas correspondências entre as coisas e pela união os contrários”.¹⁶ Para isto, ele viaja e procura produtos novos, tirados das plantas. Isaac Newton era também um alquimista.

Paracelso, a experiência e o experimento

Muitas viagens pela Europa, assim como a sua formação, deram-lhe uma compreensão do conhecimento da época imbuído do que chamamos hoje de magia,

dont la digestion et donnée comme exemple ; il fait la promotion des remèdes chimiques ; il soutient que la maladie relève du corps et de l'âme, et il donne une valeur spirituelle et thérapeutique aux mots ; il place l'homme au confluent du macrocosme et du microcosme. Paracelse et ses élèves auront une influence sur les différentes couches de la société (...).», in Chemla D., Abastado P., « Vésale, Paré et Paracelse : trois figures médicales majeures de la Renaissance », in *La lettre du cardiologue – Risque Cardiovasculaire*, n. 428, outubro de 2009, p. 34

¹⁴ A bibliografia é vasta entre os defensores e os detratores do legado de Paracelso. Para ter uma idéia, cf. Kahn Didier. *Autour du 500e anniversaire de Paracelse (1993) : Quelques ouvrages récents / Following the 500th anniversary of Paracelsus (1993) : Some recent studies*. In: *Revue d'histoire des sciences*, tome 57, n°1, 2004. pp. 175-188. Ver também Baudet Jean C. *Histoire de la chimie*, Bruxelles : De Boeck Supérieur, 2017, 368 p.

¹⁵ Traduzido por mim do original: « Les Chinois disposent, depuis une haute antiquité, d'une pharmacopée, le *Pen-tsao*, où le soufre, le mercure et les sels sont prônés comme médicaments à divers titres. Le plus ancien pharmacologue grec, Dioscoride, un Syrien né à Ayn-Zerba sur la frontière occidentale de la Perse, se trouve directement ou indirectement, déjà, sous l'influence de la chimie-médecine chinoise. » in Mazaheri Aly. « Paracelse alchimiste. Notes critiques et positives ». In : *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, 11^e année, N.2, 1956, p. 185

¹⁶ Chemla D., Abastado P., « Vésale, Paré et Paracelse : trois figures médicales majeures de la Renaissance », in *La lettre du cardiologue – Risque Cardiovasculaire*, n. 428, outubro de 2009, p. 35



de superstição, de conhecimentos populares (do *populus*), assim como de conhecimentos filosóficos. A partir daí as respostas metodológicas e científicas canalizadas por Paracelso e por outros contemporâneos seus encontraram eco em diversos campos do conhecimento, como afirmam os historiógrafos das ciências:

De um comum acordo, os historiógrafos das ciências nos apresentam Paracelso (1493-1541) como o fundador da farmacologia moderna. Nos países protestantes – Alemanha e Suíça, Inglaterra e Estados Unidos – houve, dos séculos XVI ao século XVII uma forte corrente de misticismo científico reivindicando-se de Paracelso. No século XVIII e na primeira metade do século XIX, a ciência tornou-se cada vez menos mística, Paracelso foi quase completamente esquecido.¹⁷

Um dos interesses da história das ciências é resgatar nomes que, uma vez considerados e compreendidos os contextos de atuação histórica – sem nos cegarmos pela leitura anacrônica dos fatos – permitem refletir sobre tradução, e estruturar seus percursos analíticos, como diz Antoine Berman¹⁸. Os conceitos de “experiência” e “experimento” constroem uma problemática sobre a tradução a partir da ótica do movimento interno, da transformação, e da linguagem, cujo efeito é compreender o processo de transformação. Tradução tem a ver com linguagem, e com linguagem em movimento no âmbito do processo de transformação da linguagem no qual se insere a experiência do tradutor. Paracelso, mais uma vez, introduz conceitos para pensar a tradução:

Paracelso tinha, de fato, atacado os fundamentos do sistema da medicina e da filosofia natural predominantes na época, que tinha suas origens nos Gregos antigos, em particular em Aristóteles. E ele havia proposto substituir por um sistema que parecia ter mais em comum com as práticas dos charlatães e dos curandeiros. (...) Paracelso havia, de certa forma, elaborado uma teoria do todo. (...) para ele, todo fenômeno natural era fundamentalmente um processo alquímico. A evaporação da humidade do solo e sua recaída sob forma de chuva eram o equivalente da destilação e da condensação no tubo do alquimista. O crescimento das plantas e dos animais era igualmente uma espécie de alquimia. Até a criação do mundo segundo a Bíblia era essencialmente um processo

¹⁷ Traduzido por mim do original: « D'un commun accord, les historiographes des sciences nous présentent Paracelse (1493-1541) comme le fondateur de la phamacologie moderne. Dans les pays protestants – Allemagne et Suisse, Angleterre et États-Unis – il y a eu au XVIe siècle et au XVIIe siècle un fort courant de mysticisme scientifique se réclamant de Paracelse. Au XVIIIe et dans la première moitié du XIXe siècle, la science devenant de moins en moins mystique, Paracelse fut presque entièrement oublié. » , in Mazaheri Aly, « Paracelse alchimiste. Notes critiques et positives ». In: *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*. 11e année. N.2, 1956, pp. 183-193 [DOI: <https://doi.org/10.3406/ahess.1956.2533>]

¹⁸ Berman, Antoine. *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris. Gallimard. 1995. 288p.



alquímico: uma separação da terra e da água. Esta filosofia parece particularmente fantasista hoje, mas ela era, no entanto, **racional e mecanicista: ela podia atribuir causas naturais e compreensíveis a todos os fenômenos.** (...) Ele sustentava que apenas a experiência, e não a aprendizagem nos livros permitiria realmente saber curar. Trazendo uma perspectiva alquímica ao estudo da vida e da medicina, Paracelso participou da unificação das ciências.¹⁹ (Grifos nossos)

Tradução: processo, experimento para produção de conhecimento

Recupero a dimensão que pretendo discutir nesse editorial: a de que a tradução se estrutura, passo a passo, sob a forma de um lento e gradual processo da linguagem passível de ser identificado a partir de uma racionalidade que emerge aos poucos para o tradutor. Trata-se da estruturação tanto do experimento quanto da experimentação da linguagem, linguagem essa posicionada em seus dois *locus* (quer seja a do próprio tradutor-pesquisador analisando sua própria tradução – “autotradução” –, quer seja a o tradutor na condição de pesquisador analisando a tradução de outrem). Essa postura analítica abre a compreensão sobre o fenômeno ocorrido durante esse lapso temporal. Em termos de seus efeitos sociais e de inteligibilidade, ela constitui-se em um discurso do tradutor sobre a tradução, provendo-lhe um olhar sistêmico sobre a mesma, retirando-o da frágil posição de falar da sua tradução a partir de elementos fragmentados sem coesão entre si. Como observa Antoine Berman:

Os tradutores geralmente não gostam muito de falar de “teoria”. **Consideram-se como intuitivos e artesãos.** Entretanto, desde o início da tradição ocidental, **a atividade tradutória é acompanhada de um**

¹⁹ Traduzido por mim do original: “Paracelse s’était en effet attaque aux fondements du système de la médecine et de la philosophie naturelle prédominant à son époque, qui trouvait ses origines chez les Grecs anciens, notamment chez Aristote. Et il avait proposé de remplacer par un système qui semblait avoir plus de choses en commun avec les pratiques des charlatans et des guérisseurs. (...) Paracelse avait, en quelque sorte, élaboré une théorie du tout. (...) Pour lui, chaque phénomène naturel était fondamentalement un processus chimique. L’évaporation de l’humidité du sol et as retombée sous forme de pluie étaient l’équivalent de la distillation et de la condensation dans la fiole de l’alchimiste. La croissance des plantes et des animaux était également une sorte d’alchimie. Même la création du monde selon la Bible était essentiellement un processus alchimique : une séparation de la terre et de l’eau. Cette philosophie semble particulièrement fantasiste aujourd’hui, mais elle était néanmoins rationnelle et mécaniste : elle pouvait attribuer des causes naturelles et compréhensibles à tous les phénomènes. (...) Il soutenait que seule l’expérience, et non l’apprentissage dans les livres, permettait véritablement de savoir soigner. En apportant une perspective alchimique à l’étude de la vie et de la médecine, Paracelse a participé à l’unification des sciences. » in : Richard Aline, Le Meur Hélène, *Les grandes controverses scientifiques*, Paris : Dunod, 2014, pp. 2-5.



discurso-sobre-a-tradução. Assim, temos ao longo dos séculos (citando apenas os nomes mais conhecidos), os textos de Cícero, São Jerônimo, Frei Luís de Leon Lutero, Du Bellay, Dolet, Rivarol, Herder, Humboldt, A. W. Schlegel, Goethe, Schleiermacher, Chateaubriand, Pouchkine, Valéry, Benjamin, Pound, Armand Robin, Borges, Bonnefoy, Octavio Paz etc. **Esse discurso é essencialmente dos tradutores, mesmo que se duplique, em cada época, por aqueles dos não tradutores, que não fazem mais do que refleti-lo e repeti-lo. Eu o chamo de “discurso tradicional”.** Ele é tradicional em dois sentidos. Primeiramente, vem do fundo da tradição da cultura ocidental. Depois, pertence a um mundo no qual a tradução é considerada como um dos pilares do próprio caráter da tradição, ou seja, do modo de ser dos homens. *Traduzione tradizione*, dizem os italianos; unindo passado e presente, próximo e distante, a tradução semeia a cultura, ela mesma experimentada como um conjunto de tradições.²⁰ (Grifos nossos)

Perguntemos, então, o que “aconteceu naquele espaço temporal”? Aconteceu “alguma coisa”, com certeza, pois dentro dessa temporalidade tem-se, agora, o texto traduzido, e antes, ele não existia. Como isso aconteceu? O “como” é a capacidade de produzir um discurso orgânico sobre a tradução, como diz Antoine Berman. Em outras palavras, explicar o que aconteceu ali tem a ver com a postura por parte do tradutor de compreender a lógica de transformação operacionalizada ao nível da linguagem pela qual passou o texto inicial, e cujos efeitos recaem na compreensão que o tradutor tinha/tem do texto quanto às categorias analíticas em jogo como crenças, tradições linguísticas, tradições históricas, políticas etc. Estas transformações são complexas, e intervêm ao nível da compreensão do tradutor sobre o texto, o que resulta em efeito sobre o que o tradutor escreve na sua tradução. Nesse espaço temporal, o tradutor realizou um conjunto de operações tradutórias, intervindo sobre a linguagem cujo efeito desloca/reorganiza/reconstrói categorias analíticas por onde passa o conhecimento presente em toda língua, e onde se expressa a visão do mundo. Nesse sentido, nos diz Aryon Dall’Igna Rodrigues:

Se a gente entende linguística como o estudo específico da natureza da linguagem humana e as suas múltiplas manifestações nas línguas dos povos, a primeira relação é justamente esse ponto comum, a capacidade humana de comunicação através das línguas, e não apenas comunicação mas organização do conhecimento. **Não é só saber dar recado para o outro. É entender as coisas.**²¹ (Grifos nossos)

²⁰ Berman Antoine. “A tradução e seus discursos”. *Alea*, Volume 11, número 2, julho-dezembro de 2009, p. 341-353

²¹ Rossi, Ana Helena, “Entrevista com o Prof. Dr. Emérito Aryon Dall’Igna Rodrigues por Ana Helena Rossi”, *Traduzires* n. 2, Dezembro de 2012, p. 127

O que a linguagem do senso comum designa pelo fato de “passar de uma língua para outra” consiste em um fenômeno complexo de reelaboração de categorias analíticas que atuam em dois *locus*, estabelecendo relações de vai-e-vem, quer sejam, o *locus* do “texto de origem” que o tradutor acessa, transforma e reelabora, quer seja o *locus* do “texto de chegada” que o tradutor estrutura, passo a passo, de maneira a tornar compreensível a leitura. Trata-se de um processo de inteligibilidade levado a cabo pelo tradutor, colocando em evidência que esse “passar” de uma língua para outra não é um procedimento de ordem mecânica, mas analítica e de constituição de conhecimento, o qual tem a ver com a gama de conhecimentos que o tradutor possui daquela língua e daquela cultura, já que a língua, conforme Aryon Dall’Igna Rodrigues afirma, expressa a inteligibilidade do mundo daquele povo em particular, e daquela representação da realidade:

Se ele domina as duas línguas, **quando há desencontro de concepções básicas**, o que ele faz **é simplesmente descrever na língua** que ele está usando, para a qual ele está traduzindo, uma tradução mais ou menos literal do que os outros dizem, **e aí ele tem que interpretar um pouco**, dizer como eles estão entendendo aquilo que é diferente do que ele mesmo aprendeu. Ele tem que estar com o pé nos dois lados, do lado da língua do outro, e da língua dele para a qual ele está traduzindo.²² (Grifos nossos)

Temos, nesse número da revista caleidoscópico, vários artigos que mostram o quão importante é o conhecimento necessário para realizar a tradução porque, dentro dessa postura teórico-metodológica, traduzir traz à tona o conhecimento sobre o mundo presente na tradução.

Desde 2011, quando ingressei na Universidade de Brasília como professora na graduação e na pós-graduação, e como pesquisadora, oriento trabalhos de graduação²³ em sala de aula (Teoria²⁴ da Tradução II, Práticas²⁵ de Tradução de

²² Rossi, Ana Helena, “Entrevista com o Prof. Dr. Emérito Aryon Dall’Igna Rodrigues por Ana Helena Rossi”, *Traduzires* n. 2, Dezembro de 2012, p. 130

²³ Seria impossível citar aqui todos os trabalhos dos alunos de graduação que orientei desde 2011, e que me trouxeram, cada um deles, uma resposta a uma indagação minha, ou então, apresentaram-me aspectos da tradução que eu sequer imaginara. Sou-lhes muito grata.

²⁴ A disciplina obrigatória intitulada Teoria da Tradução II, na graduação do Curso de Letras-Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, foi essencial na estruturação dos fenômenos em jogo na tradução por obrigar-me a construir aulas onde o aluno estaria no centro do processo, e não fora dele, assumindo a sua condição de ator da construção, com as suas escolhas, suas dúvidas (que são os acertos provisórios, como sempre digo), e toda a sua bagagem. Nesses

Textos Literários – versão, Práticas de Tradução de Textos Gerais – versão, Práticas de Tradução de Textos Técnico-Científicos – versão), na pós-graduação (Teoria da Tradução) além de Trabalhos de Conclusão de Curso, de Programa de Iniciação Científica²⁶ e de dissertações de Mestrado²⁷, que utilizam distintos pares linguísticos (pt-fr, fr-pt, inglês-pt, pt-inglês, espanhol-pt, pt-espanhol), assim como pares linguísticos envolvendo línguas consideradas distantes, como português e francês-tupinambá²⁸, espanhol-nahuatl²⁹, inglês vernacular afro-americano intitulado Gullah-português³⁰, português de Moçambique-espanhol da Espanha³¹). Ao longo desses anos, o curso de graduação de Letras-Tradução e a atuação na pós-graduação foram o laboratório onde testei essa problemática da tradução no âmbito dos trabalhos orientados, que se encontram disponíveis no repositório da Biblioteca Central da Universidade de Brasília disponíveis para serem consultados.

anos, foram muitos os trabalhos orientados nas três línguas (francês, espanhol e inglês). Sou-lhes muito grata.

²⁵ As disciplinas das Práticas de Tradução-Versão (Textos Gerais, Técnico-Científicos e Literários) são disciplinas lecionadas na graduação do curso de Letras-Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília em língua francesa. Elas também foram importantes por obrigar-me a compreender os dois *locus* da tradução (aquele de onde se parte e aquele para onde se vai) no sentido de um grande estranhamento. Esta disciplina também me mostrou o quanto é importante ter uma visão acirrada da cultura que tenciona toda língua, pois, é na língua que se encontram as respostas às dúvidas surgidas nos textos. Daí a importância do aluno tradutor explicitar as suas escolhas. Comparativamente, se as aulas de tradução são passíveis de esconder certos processos de estranhamento nas escolhas tradutórias, nas aulas de práticas (versão), todas as fragilidades em termos de conhecimento cultural tornam-se explícitas, e, portanto, passíveis de serem problematizadas. Nesses alunos, também foram muitos os alunos que orientei em seus trabalhos em francês. Sou-lhes muito grata.

²⁶ Os trabalhos de iniciação científica também foram uma ponte fundamental para desenvolver esses trabalhos, iniciando os alunos na metodologia de pesquisa, nas discussões teóricas, na estruturação dos dados e no complexo caminho de ver o que se está descobrindo, passo a passo, além de acompanhá-los no cumprimento das atividades preliminarmente definidas, como respeitar o cronograma de atividades. Muitas vezes, a pesquisa iniciada em sala de aula (Teoria da Tradução 2), transformava-se em Projeto de Iniciação Científica, em seguida em Trabalho de Conclusão de Curso, e em seguida, para alguns, a etapa da Pós-Graduação, dentro de uma integração graduação-pós-graduação, caminho para estruturar uma pós-graduação robusta.

²⁷ Kallynny, Amaral Cardoso, *Evocação à terra natal: tradução dos elementos ludovicenses no Poema sujo de Ferreira Gullar*/ Kallynny Amaral Cardoso. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Orientadora Ana Helena Rossi. Universidade de Brasília. Brasília. 2018. 97p

²⁸ Cesar, Janaína T. *Aryon Rodrigues: tradução para o conhecimento da língua brasileira*/ Janaína Thayonara Gil Cesar. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Orientadora Ana Helena Rossi. Universidade de Brasília. Brasília. 2016. 127 p.

²⁹ Lelis, Sara. *A tradução dos cuicatl e dos tlaltolli em MALINCHE: a experiência dos antigos mexicanos*/ Sara Lelis de Oliveira. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Orientadora Ana Helena Rossi. Universidade de Brasília. Brasília. 2017. 169 p.

³⁰ Pimentel, Jean. *A assimilação do outro: compensação, alteridade e sobrevida na tradução de Drums and Shadows*. (trabalho de Projeto de Iniciação Científica em fase de finalização, 2018).

³¹ Moreira, Marília. *Venenos de Deus, Remédios do Diabo: africanidade em cena*. Trabalho de Fim do Curso de Letras-Tradução. Instituto de Letras. Universidade de Brasília. Brasília. 2017



Nestes trabalhos, coloquei em marcha conceitos epistemológicos como ‘processo’, ‘experiência’, ‘metamorfose’, ‘linguagem’, estruturando, assim, percursos metodológicos baseados em uma problemática da tradução a partir das leituras iniciais de Walter Benjamin e de Antoine Berman, que discutem a tradução como ‘transformação’, ‘metamorfose’ no seu sentido etimológico que é “mudança de forma (...)”³² às quais foram acrescentados outros autores e teóricos. Enquanto tradutora, professora de tradução e pesquisadora na área, e tendo feito uma graduação em Comunicação na UnB, um mestrado em *Communication Sociale* na *Université de Bordeaux 3*, um segundo mestrado em *Histoire Culturelle*, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, e uma tese de doutorado em Sociologia das Práticas culturais também na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, eu integrei essas múltiplas dimensões da minha formação intelectual no meu trabalho na Universidade de Brasília, além de também considerar a tradução como o resultado de minha experiência como tradutora. Nesse sentido, a tradução é um ato constantemente presente em minha vida. Sempre vivi entre várias línguas, e, portanto, sempre traduzi. Essa foi/é a minha vida. Desde muito cedo, em minha experiência de bilinguismo (português do Brasil e francês), vivi essa posição desconfortável e incômoda em nossa época – apesar de muitos afirmarem peremptoriamente o contrário –: a de “(...) estar com o pé nos dois lados, do lado da língua do outro, e da língua dele para a qual ele está traduzindo.”³³

No âmbito acadêmico, observei, durante anos, o fazer-se da tradução para compreender de que maneira o processo estrutura a transformação do texto, integrando a experiência do tradutor a cada passo. Logo, o resultado desse percurso não é apenas o produto da tradução, mas igualmente o processo e suas implicações na visão do tradutor. Teoricamente, essa reflexão foi prenunciada, para mim, no texto clássico e já muito comentado, embora continue sendo opaco, que é *A tarefa do tradutor*³⁴ do filósofo Walter Benjamin. Trata-se do prefácio do livro *Tableaux parisiens*, de Charles Baudelaire que Walter Benjamin traduziu para

³² Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/metamorfose>. Acesso em: 01 jun. 2018.

³³ Rossi, Ana Helena, “Entrevista com o Prof. Dr. Emérito Aryon Dall’Igna Rodrigues por Ana Helena Rossi”, *Traduzires* n. 2, dezembro de 2012, p. 130

³⁴ Benjamin, Walter, “A tarefa-renúncia do tradutor” [trad. Susana Kampff-Lages], in Castello Branco, Lúcia (org.), *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin – quatro traduções para o português*, Belo Horizonte: Fala/UFGM, 2008, p. 66-81



o alemão, e publicou na Alemanha em edição bilíngue no ano de 1923 na cidade de Heidelberg³⁵. A teoria benjaminiana da tradução se relaciona com a natureza da linguagem humana, que tem a ver como o ser humano utiliza essa mesma linguagem, que é a nomeação das coisas:

Portanto, a essência linguística do homem está no fato de ele nomear as coisas. [...] Para quê nomear? A quem se comunica o homem? – Mas será essa questão, no caso do homem, diversa da de outras formas de comunicação (linguagens)? [...] Antes de responder a esta pergunta, deve-se examinar novamente a questão: como se comunica o homem? Deve-se estabelecer uma diferença clara, colocar uma alternativa diante da qual, seguramente, uma concepção da linguagem essencialmente falsa seja desmascarada. Será que o homem comunica a sua essência espiritual *através* dos nomes que ele dá às coisas? Ou *nos* nomes? [...] Por sua vez, pode aceitar apenas que comunica alguma coisa a outros homens, pois isso se dá através da palavra com a qual eu designo uma coisa. Tal visão é a concepção burguesa da linguagem, cuja inconsistência e vacuidade devem resultar cada vez mais claras, a partir das reflexões que faremos a seguir. Esta visão afirma que o meio [*Mittel*] da comunicação é a palavra; seu objeto: a coisa; seu destinatário, um ser humano. Já a outra concepção não conhece nem meio, nem objeto, nem destinatário da comunicação.³⁶

Exclui-se a importância da/o “coisa/objeto” para focar no que a/o “coisa/objeto” transporta e diz de si mesmo no âmbito da linguagem. Esta questão questiona aquele *modus operandi* da tradução que foca na palavra escrita, a fim de encontrar, na outra língua uma palavra por meio de dicionários³⁷, palavra essa muitas vezes “congelada” ou cristalizada³⁸. Desconsidera-se, assim que a língua tem a ver com construções da realidade, experiências de povo e de culturas. Exclui-se também a possibilidade de questionar o texto, já que o sentido se esgota ao nível da palavra:

³⁵ Raulet, Gérard. “L’atelier du traducteur. Benjamin et les *Tableaux parisiens* », *Revue italienne d’études françaises* [online], 4, 2014, Disponível em : <http://journals.openedition.org/rief/656>.

³⁶ Benjamin Walter, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” in *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*, [Organização, apresentação e notas Jeanne Marie Gagnebin. Tradução Susana Kampff Lages e Ernani Chaves], São Paulo: Livraria Duas Cidades/34 editora, 2011, p. 55

³⁷ A utilização dos dicionários na tradução deve ser problematizada dentro de um *modus operandi*. Os dicionários foram feitos por equipes de lexicólogos que tem uma determinada formação intelectual/teórica/metodológica. Os verbetes são o resultado de decisões relativas ao estado da ciência e do conhecimento linguístico. Por isso, dicionários também envelhecem. No âmbito da tradução deixar de questionar esses pressupostos, mesmo que seja a partir de uma perspectiva comparatista, implica em não compreender o significado de tais operações no âmbito do processo tradutório, adotando-as sem postura crítica e sem controlar os seus efeitos na tradução.

³⁸ D’Angelis, W. (2018). Traduzir e/é dialogar. *Caleidoscópio: Linguagem E Tradução*, 2(1), 15-34. <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i1.8667>



Fidelidade e liberdade: liberdade na restituição do significado; e, ao serviço deste significado, **fidelidade para com as próprias palavras: são estes os velhos conceitos que surgem sempre que se fala na arte de traduzir.** [...] A fidelidade da tradução das palavras isoladas quase nunca consegue restituir completamente o significado que estas têm no original.³⁹ (Grifos nossos)

Assim, a afirmativa é que traduzir é mais do que encontrar correspondências entre palavras. Traduzir remete a colocar em paralelo duas concepções do mundo que devem ser elucidadas a partir das categorias de conhecimento que as compõem e que estão presentes em suas respectivas culturas. Por isso, o tradutor não é um ‘passante’ de uma língua para outra, já que essa definição da tradução implique em uma dominação cultural por meio da tradução. O tradutor é aquele que, se mantendo tanto lá quanto cá percebe o quão fundamental torna-se a sua própria formação enquanto profissional capacitado para compreender as categorias em jogo, a fim de restituí-las de um *locus* para outro *locus*, preservando a inteligibilidade em jogo, isto é, tendo consciência delas, e não jogando fora o bebê com a água do banho, para utilizar-me de uma metáfora. Essas reflexões constituem a base do projeto da revista.

Neste número consagrado prioritariamente à temática da Tradução e Línguas Indígenas, três artigos nos revelam o quão importante significa conhecer o ponto de vista do outro, a sua cultura, e trazer essas ferramentas para a tradução, como analisa Wilmar da Rocha D’Angelis no seu artigo “Traduzir e/é dialogar”. Discutindo a tradução como ferramenta a serviço da linguística para alcançar o conhecimento do outro, Wilmar da Rocha D’Angelis enfatiza que a tradução se encontra no coração da *démarche* linguística, embora essa mesma tradução não seja alvo de questionamento, nem de interrogação, tendo por tácita a questão da *evidência do sentido*. Isso é um problema, pois, cabe ao tradutor conhecer as línguas com as quais trabalha, compreendendo as tradições linguístico-culturais que delas se originam. O artigo de Janice Cristine Thiel, intitulado “A tradução da cultura haudenosaunee pela obra literária de Eric Ganworth”, propõe abordar a

³⁹ Benjamin Walter, “A tarefa do tradutor” [trad. de Fernando Camacho], in Castello Branco, Lúcia (org.), *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin – quatro traduções para o português*, Belo Horizonte: Fala/UFGM, 2008, p. 37



compreensão da obra *Nickel eclipse: Iroquois moon*, como um diálogo (etno)poético multimodal tecido a partir dos elementos gráficos e pictógrafos que remetem à mitologia Haudenosaunee. Em suma, trata-se de uma leitura intersemiótica que reconhece que os gêneros textuais indígenas ultrapassam as fronteiras definidas pela tradição eurocêntrica como sendo história, antropologia, ciência e literatura. Mais uma vez, trata-se de conhecer as tradições linguísticas e culturais em jogo. A construção literária é, portanto, o resultado de uma tradução intersemiótica na qual observa-se a atualização dos textos culturais originários. O artigo de Pilar Máynez, intitulado “El Nuevo Mundo: una ruta para su comprensión de Fray Bernardino de Sahagún en la *Historia General*”, trata da questão fundamental da tradução como construção do outro, do diferente e do desconhecido frente ao qual os europeus se confrontaram na chegada às terras americanas, e em particular na Nova Espanha (México), a partir das concepções tradutórias de frei Bernardino de Sahagún (1499-1590). A partir deste exemplo histórico, Pilar Máynez mostra que o que conhecemos desse universo indígena resulta da revelação linguística do universo indígena operada por frei Bernardino de Sahagún que, em seu livro *Códice Florentino* (1577), re-ordena a realidade cultural indígena a partir das categorias da tradição renascentista.

Neste número, temos também três artigos que não tratam da problemática da tradução e línguas indígenas, mas trazem toda a importância de se levar em conta a realidade cultural na tradução. Em seu artigo intitulado “L’intercompréhension dans les cours de traduction, une approche didactique fondamentale dans l’enseignement et l’apprentissage des langues étrangères. L’exemple du portugais”, Eugène Tavares focaliza na aprendizagem da língua portuguesa levantando o processo de construção do saber no qual o diálogo entre as culturas é fundamental no que tange ao espaço lusófono composto por oito países com línguas e culturas diferentes. Trazendo à tona o conceito de intercompreensão, as estratégias de aprendizagem da língua portuguesa baseiam-se na tradução para resgatar a dimensão cultural, permitindo ao aluno apropriar-se da língua em suas dimensões culturais. No âmbito de uma reflexão do papel da tradução, Beatriz Terreri Stervid analisa em seu artigo, intitulado “Neologia em *Grande Sertão: Veredas* e sua tradução para o alemão: considerações a partir da



correspondência entre autor e autor”, um aspecto fundamental da tradução que é a resolução de casos de neologismo, e que soluções propor. Pois, o neologismo é um procedimento para construir um novo vocábulo, procedimento esse que caracteriza a obra de Guimarães Rosa. O desafio é claro: como recriar em alemão os neologismos roseanos? Esse caso nos mostra o quão importante torna-se a correspondência entre autor e tradutor para compreendermos aspectos específicos na tradução. O artigo de Thaís Marques Soranzo intitulado “A tradução condicionada pelo horizonte de expectativas: o caso da peça *An ideal husband*, de Oscar Wilde”, discute que a participação do leitor é fundamental tanto no processo de construção do sentido do texto literário como também no processo tradutório. Utilizando-se da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss, a partir de uma situação contrastada referente à recepção da peça de teatro de Oscar Wilde, a autora evidencia a importância de compreender o fenômeno da recepção de um texto literário no âmbito da teoria literária.

Na seção Entrevista, Ana Helena Rossi entrevista Gabriele Cornelli, que nos fala da importância de diferentes áreas do conhecimento discutirem sobre tradução, assim como traduzir. Neste caso, trata-se de traduzir uma língua, o grego antigo, que não é mais falada, mas que é lida e estudada. Logo, faz-se necessário discutir estratégias de tradução, pois é com tais estratégias que se torna possível trazer à luz do dia a importância de estudar o grego antigo, depositário de uma longa tradição filosófica nos dias atuais, e de trazer um público maior para o estudo de tal língua. Assim, o desafio de traduzir o grego antigo é recriar aquele mundo do passado, trazendo-o para os dias de hoje, não se esquecendo que as escolhas tradutórias são sempre políticas.

E, por fim, nesse número, na seção Traduções, temos a bela tradução para o português do conto em francês intitulado “Vera” de Auguste de Villiers de L’Isle-Adam, por Oleg Almeida. A tradução acompanha-se de um projeto de tradução no qual o tradutor discute alguns dos procedimentos tradutórios, baseando a versão portuguesa como “tecnicamente precisa”, tal como preconizavam nos anos 30 os tradutores de expressão russa pertencentes à escola soviética de tradução literária, caídos no esquecimento. Tal perspectiva permite que o tradutor explicita os princípios norteadores do seu trabalho de tradução.